

XI

Depois da catástrofe^[*]

[400] Esta é a primeira vez, desde 1936, que volto a escrever sobre a Alemanha. Ao final do artigo anterior, citei uma passagem do *Völuspà*: “O que murmura Wotan com cabeça de Mime?”, a fim de caracterizar a natureza apocalíptica dos acontecimentos futuros. O mito tornou-se realidade, e hoje grande parte da Europa encontra-se em ruínas.

[401] Toda reconstrução pressupõe uma limpeza de terreno a qual, por sua vez, exige *reflexão*. Pergunta-se qual o sentido da tragédia. Tentei responder como pude às perguntas que me foram colocadas. E como a transmissão exclusivamente oral possibilita, com muita facilidade, a criação de lendas, decidi-me, não sem hesitações, a escrever minhas opiniões. Sei que a Alemanha constitui um problema de ampla envergadura. Sei também que a opinião subjetiva de um médico e psicólogo só poderá responder a um dos aspectos desse gigantesco emaranhado de questões. Devo, portanto, me contentar com a tarefa mais modesta da limpeza e abdicar da reconstrução. No momento, trata-se sobretudo de limpar o terreno.

[402] Pude perceber durante a redação desse artigo como a minha mente se achava conturbada e como é difícil encontrar uma posição relativamente tranquila e equilibrada no turbilhão dos afetos. Para tanto, seria necessário muito sangue frio e superioridade. De maneira geral, porém, nós estamos bem mais comprometidos com o que aconteceu na Alemanha do que poderíamos supor. Ao mesmo tempo, não podemos ser condescendentes pois, na verdade, o coração da condescendência abriga muitos outros sentimentos que não podem ser esquecidos. Mesmo que fosse possível, o médico ou o psicólogo jamais devem se deixar guiar *apenas* pelo sangue frio. Em seu

relacionamento com o mundo, não é apenas o mundo que está em jogo, mas eles próprios e todos os seus sentimentos, sem o que essa relação não seria integral. Nesse sentido, vi-me diante da tarefa de guiar meu barco entre Cila e Caribde e, como é costume nesse tipo de viagem, tapar o ouvido de uma parte de minha natureza e atar a outra ao mastro. Não posso esconder do leitor que nunca um artigo me custou tanto esforço moral e humano. Eu não podia aquilatar o quanto tudo isso *me* afeta. Creio que muitos compartilham esse sentimento. Essa identidade interior ou *participation mystique* com os acontecimentos na Alemanha me propiciou, de maneira penosa, experimentar mais uma vez o alcance do conceito psicológico da *culpa coletiva*. Desse modo, não poderia abordar esse problema com sentimento de superioridade e sangue frio, mas com o reconhecido sentimento de inferioridade.

[403] O uso psicológico dessa expressão não deve ser confundido com uma construção jurídico-moral. O conceito psicológico de culpa descreve a existência irracional de um sentimento de culpa subjetivo (ou de uma certeza de culpa) ou ainda de uma culpa objetivamente atribuída (participação solidária na culpa). À última pertence, por exemplo, o caso de alguém que é membro de uma família que tenha tido a infelicidade de ser difamada pelo crime de um parente. É evidente que esse alguém não pode ser responsabilizado nem jurídica nem moralmente: a atmosfera de culpa, no entanto, já se faz notar pelo simples fato de se considerar vergonhoso o próprio nome e a família sentir-se magoada quando um estranho pronuncia o seu nome. Do ponto de vista jurídico, a culpa só pode ser circunscrita a quem viola o direito; como fenômeno psíquico, porém, ela se estende para além dos limites espaciais e humanos. Um bosque, uma casa, uma família, e até mesmo uma aldeia em que tenha ocorrido um crime sente internamente a culpa psíquica além de ser acusada externamente. Alguém seria capaz de alugar um quarto sabendo que ali uma pessoa foi assassinada há dois dias atrás? Alguém sentiria prazer em se casar com a irmã ou a filha de um criminoso? Um pai não se sente profundamente atingido com o fato de ter um filho no reformatório e não se sentiria muito ferido em seu orgulho familiar se

um primo de mesmo nome desonrasse sua casa? Todo suíço decente não experimentaria uma profunda vergonha, numa expressão mais suave, se o nosso governo também tivesse construído uma instituição dedicada à matança de seres humanos como Maidanek? Haveria de causar em nós estupefação se na fronteira, com um passaporte suíço na mão, ouvíssemos: “Esses porcos suíços”? Por sermos patriotas não sentimos um pouco de vergonha pelo fato de a Suíça ter gerado tantos traidores de sua pátria?

[404] Dentro da Europa, nós suíços nos sentimos propriamente fora do círculo mágico e sombrio da culpa alemã. Mas essa situação se modifica inteiramente quando nós, enquanto europeus, nos vemos num outro continente ou ante um povo exótico. O que haveremos de dizer se um hindu nos perguntasse: “Vocês querem nos trazer a cultura cristã? Mas o que fez a Europa em Auschwitz e Buchenwald?” Será que ajudaria dizer que tudo isso não ocorreu em nosso país, mas a 200km a leste, que não foi em nossa terra mas numa terra europeia vizinha? (Na Europa os países são tão próximos em comparação a outros continentes!) O que haveríamos de dizer se um hindu nos interpelasse com indignação e apontasse para o fato de que a mancha de vergonha não está em Travancore e sim em Haiderabad? Sem dúvida exclamaríamos: “Ah! A Índia é a Índia!” do mesmo modo que no Oriente se diria: “Ah! A Europa é a Europa!” Tão logo nós europeus inocentes atravessamos as fronteiras de nosso continente, sentimos algo da culpa coletiva que pesa sobre o nosso hemisfério, apesar de nossa boa consciência. (Um inciso: Será que a Rússia é tão primitiva a ponto de sentir nossa culpa contagiosa, outro nome possível para culpa coletiva, e nos acusar pelo fascismo?) O mundo discrimina a Europa porque, em última instância, foi em seu solo que cresceram os campos de concentração. A Europa, por sua vez, segrega a Alemanha, apontando as nuvens de culpa que recobrem esse país e o seu povo, pois foi na Alemanha e pelos alemães que tudo isso aconteceu. Nenhum alemão pode negar, da mesma forma que nenhum europeu ou cristão, que o crime mais terrível de todos os tempos foi cometido em sua casa. A Igreja cristã

pode cobrir de cinzas a cabeça e rasgar as vestes pela culpa de seus filhos, mas as sombras dessa culpa recaíram sobre eles e sobre toda a Europa, a mãe dos monstros. Da mesma maneira que a Europa precisa ajustar contas com o mundo, a Alemanha deve fazê-lo em relação à Europa. E assim como o europeu não poderá convencer o hindu de que a Alemanha não lhe concerne propriamente, de que ele não está na Europa ou de que esse assunto não lhe interessa, o alemão não pode se desfazer da culpa coletiva diante do europeu sob o pretexto de que não sabia de nada. Com isso ele aumentaria ainda mais sua culpa coletiva pelo pecado da inconsciência.

[405] A culpa coletiva psicológica é uma *fatalidade trágica*; atinge a todos, justos ou injustos, que, de alguma maneira, se encontravam na proximidade do crime. Decerto, nenhum homem razoável e consciencioso haverá de confundir a culpa coletiva com a individual, responsabilizando um indivíduo antes mesmo de ouvi-lo. Ele saberá distinguir a culpa individual da culpa meramente coletiva. No entanto, quantas pessoas são conscienciosas e razoáveis ou quantas se esforçam por ser ou vir a ser? Nesse aspecto, não sou muito otimista. A culpa coletiva é, sem dúvida, uma impureza *mágica*, primitiva e arcaica e, justamente devido à irracionalidade generalizada, é algo bastante real que nenhum europeu que esteja fora da Europa e nenhum alemão fora da Alemanha pode deixar de considerar. Caso um alemão pretenda sair-se bem com a Europa, ele terá de adquirir consciência de que diante da Europa é um culpado. Como alemão, ele traiu os bens e a cultura europeia, envergonhou sua família europeia, assaltando, torturando e matando seus irmãos. O alemão não pode esperar que a Europa possua a “finesse” de provar primeiramente em cada caso se o criminoso é um Müller ou um Meier. A Europa não lhe concederá o crédito de ser tratado como um *gentleman*, até que se prove o contrário. Durante 12 anos, comprovou-se cabalmente que o alemão oficial não era de modo algum um *gentleman*.

[406] Mas se um alemão reconhecer perante o mundo a sua inferioridade moral, assumindo a culpa coletiva e não fizer qualquer tentativa para diminuí-la ou justificá-la com argumentos insuficientes,

ele terá boas chances de, após algum tempo, ser acatado como um homem decente e ser absolvido, ao menos individualmente, da culpa coletiva.

[407] Pode-se objetar que a culpa coletiva é um preconceito e uma condenação injusta. Sem dúvida ela o é, mas é precisamente isso que constitui a sua essência irracional: ela jamais se pergunta pelo justo e o injusto, ela é a nuvem sinistra que se levanta no lugar de um crime inexpriado. É um fenômeno psíquico e, deste modo, dizer que o povo alemão carrega uma culpa coletiva não significa condená-lo, mas apenas constatar um fato existente. Penetrando mais profundamente na psicologia desse fato, logo reconhecemos que o problema da culpa coletiva comporta um aspecto bem mais amplo e significativo do que o simples preconceito coletivo.

[408] Se considerarmos que nem todo homem mora psiquicamente numa concha de caracol, ou seja, que não vive longe dos demais e que o seu ser inconsciente se acha ligado a todos os outros homens, então um crime nunca pode ocorrer de maneira isolada como pode parecer à consciência. Ele acontece num âmbito bem mais vasto. A sensação que todo crime provoca, o interesse apaixonado pela perseguição e julgamento do criminoso etc., demonstram que praticamente todo mundo, desde que não seja insensível ou apático de forma anormal, é excitado pelo crime. Todos vibram conjuntamente, todos se sentem dentro do crime, tentam compreendê-lo e esclarecê-lo... Algo se acende, o fogo do mal que flameja no crime. Platão já sabia que a visão do feio provoca o feio na alma. A indignação e a exigência de punição se levantam contra o assassino e isso tanto mais violenta, apaixonada e odiosamente quanto mais ferver a chispa do mal dentro da própria alma. É um fato inegável que o mal alheio rapidamente se transforma no próprio mal, na medida em que acende o mal da própria alma. O assassinato acontece, em parte, dentro de cada um e todos, em parte, o cometeram. Seduzidos pela fascinação irresistível do mal, todos nós possibilitamos, em parte, a matança coletiva em nossas mentes e na razão direta de nossa proximidade e percepção. Com isso, estamos irremediavelmente imiscuídos na impureza do mal, qualquer que seja

o uso que dele fizermos. Nossa indignação moral cresce em virulência e desejo de vingança quanto mais forte arder em nós a chama do mal. Disso ninguém pode escapar, pois somos todos humanos e pertencemos igualmente à comunidade dos homens. Assim, todo crime desencadeia num recanto de nossa mente múltipla e variada uma satisfação secreta que, por sua vez, em caso de disposição moral favorável, produz uma reação oposta nos compartimentos vizinhos. Disposições morais fortes, porém, são infelizmente raras. Quando os crimes aumentam, a indignação predomina e o mal se converte em moda. De santo, louco e criminoso todos temos “estatisticamente” um pouco. Graças a essa condição humana universal existe, em todas as partes, uma sugestibilidade correspondente ou propensão. A nossa época, isto é, os últimos cinquenta anos, preparou o caminho para o crime. Será que, por exemplo, o grande interesse pelos romances policiais não nos parece suspeito?

[409] Já bem antes de 1933 havia no ar um cheiro impreciso de incêndio e um interesse apaixonado por descobrir o foco do incêndio e encontrar o incendiário. Quando espessas nuvens de fumaça cobriram a Alemanha e o incêndio do Reichstag deu o sinal, descobriu-se onde estava o incendiário, o mal em pessoa. Por mais terrível que essa descoberta possa ter sido, ela, no entanto, propiciou uma espécie de alívio. Pois agora já se sabia precisamente o lugar da injustiça e, ao mesmo tempo, que estávamos do outro lado, ou seja, entre as pessoas decentes cuja indignação moral deveria aumentar sempre na razão direta do crescimento da culpa do outro lado. Até os gritos clamando a execução em massa não mais ofendiam os ouvidos dos justos e se considerava uma justiça divina o incêndio das cidades alemãs. O ódio encontrou assim motivos respeitáveis, ultrapassando o estado de idiossincrasia pessoal e secreta, tudo isso sem que o respeitável público percebesse a presença vizinha do mal.

[410] Ninguém imagine poder escapar a esse jogo de contrários. Até um santo deveria orar pelas almas de Hitler e Himmler, da Gestapo e da SS a fim de reparar a vergonha que sofria em sua própria alma. A visão do mal acende o mal na própria alma. Isso é

inevitável. Não é só a vítima aquele que sofre o mal. Também o assassino e todo o âmbito humano que rodeia o crime são por ele maculados. Algo irrompe do sinistro abismo do mundo, envenenando o ar e contaminando a água cristalina com um gosto repugnante de sangue. Sem dúvida, somos inocentes. Somos inclusive as vítimas saqueadas, enganadas e violentadas, no entanto, talvez por isso, a chama do mal arda em nossa indignação moral. Assim deve ser, isto é, faz-se necessário que alguém sinta indignação e se torne a espada da justiça do destino: os maus atos devem ser expiados, pois do contrário os maus arruinarão o mundo ou os bons se verão sufocados em sua ira, o que, em todo caso, não trará nada de bom.

[411] No momento em que o mal irrompe no mundo, ele já eclodiu por toda parte no âmbito psíquico. A toda ação corresponde uma reação que provoca tanta ou mais destruição do que a ação criminosa, pois o mal deve ser totalmente erradicado. Para não sermos contaminados pelo mal, precisaríamos propriamente de um “rite de sortie” que consistiria na declaração solene da culpa e da absolvição posterior do juiz, do verdugo e do público.

[412] Os fatos ocorridos na Alemanha e a desolação moral de toda uma geração de “oitenta milhões” significam um golpe contra o europeu em geral. (Antigamente podia-se relegar tais coisas à Ásia!) O fato de um membro da família cultural europeia ter chegado ao horror dos campos de concentração lança sobre todos os demais uma luz de suspeita. Quem somos nós para achar que algo semelhante nunca se passaria conosco? Multipliquemos o povo suíço por vinte e seremos uma nação de “oitenta milhões”. Nossa inteligência e nossa moral públicas seriam então divididas por vinte, em razão da influência moral e espiritual tão devastadora da aglomeração de massa e da massificação. Com isso cria-se a base para um crime coletivo e seria até um milagre se tal não ocorresse. Acreditamos honestamente que *nós* estaríamos imunes a isso? Nós que possuímos tantos traidores e psicopatas políticos? Com espanto, comprovamos que o homem é capaz de tudo, que nós somos capazes de tudo e desde então paira uma dúvida atroz acerca da humanidade a que pertencemos.

[413] Deve-se ter bem clara a necessidade de certas condições para o desenvolvimento de uma tal degeneração. É necessário sobretudo que massas inteiras sejam deslocadas de seu solo e concentradas nas cidades e indústrias, sufocando-se numa ocupação unilateral de modo a perderem todos os instintos sadios, mesmo o da autoconservação. O nível do instinto de autopreservação cai na proporção em que aumentam as esperanças no Estado, o que é um mau sintoma. Depositar as esperanças no Estado significa que se espera em todos (= Estado) menos em si mesmo. Todos se apoiam uns nos outros, num falso sentimento de segurança, pois o apoio de dez mil é como um apoio no ar. A diferença é que não mais se percebe a insegurança. A esperança crescente no Estado não é um bom sintoma e significa, na verdade, que o povo está a caminho de se transformar num rebanho o qual sempre espera de seus pastores os bons pastos. Logo o cajado do pastor se converterá em vara de ferro e os pastores em lobos. Não foi fácil contemplar como toda a Alemanha respirou aliviada quando um psicopata megalomaníaco disse: “Eu assumo a responsabilidade”. Quem ainda possui algum instinto de autoconservação sabe que apenas um impostor pode querer assumir a responsabilidade pela existência de um outro, pois ninguém em pleno juízo o faria. Quem tudo promete nada cumpre e, aquele que muito promete está na iminência de se valer de expedientes escusos para cumprir a promessa, abrindo as vias para uma catástrofe. A contínua expansão da assistência estatal é, por um lado, muito bonita, mas, por outro, bastante suspeita na medida em que retira do indivíduo a responsabilidade, produzindo cordeiros e pessoas infantilizadas. Ademais existe o perigo da exploração dos competentes pelos irresponsáveis, como aliás aconteceu em muitos casos na Alemanha. É preciso que se tente preservar ao máximo o instinto de autoconservação do cidadão, pois separado da raiz nutricia de seus instintos o homem se converte num brinquedo de todos os ventos; nesse caso, ele não passa de um animal doente, desmoralizado e degenerado cuja sanidade só poderá ser restituída mediante uma catástrofe.

[414] Com essas palavras, tenho a sensação de me comparar ao

profeta que, segundo o testemunho de Flávio Josefo, chorava pela cidade de Jerusalém cercada pelos romanos. De nada serviu para a cidade o seu pranto, e uma pedra o atingiu mortalmente.

[415] Por maior que seja a nossa vontade, não podemos plantar na terra um paraíso e se isso acontecesse levaria apenas um curto espaço de tempo para degenerar em todos os sentidos. Sentiríamos prazer na destruição de nosso paraíso e depois nos espantaríamos com ela. Como somos um povo de “oitenta milhões”, possuímos a convicção de que os “outros” é que são culpados pelos danos e nem conseguimos sequer nos atribuir qualquer responsabilidade ou culpa.

[416] A situação é doentia, desmoralizante e mentalmente anormal: um lado faz coisas das quais o outro lado, o “decente”, nada quer saber; este encontra-se continuamente na defensiva contra as acusações reais ou supostas que, no entanto, são frutos bem mais do julgamento de seu próprio coração do que de fora. Na medida, porém, em que essa atitude constitui uma defesa natural contra a doença, não se deveria apresentar ao povo alemão os seus horrores, pois se estaria reforçando o julgamento interior (nos próprios corações aliados!). Se os homens soubessem a vantagem que representa encontrar a própria culpa, que dignidade e elevação da alma isso significa! Entretanto, parece que essa compreensão ainda não despertou em parte alguma. Em seu lugar, fala-se em demasia de tentativas de se livrar da culpa – “ninguém quer ter sido um nazista”. Jamais foi indiferente para o alemão a sua imagem no estrangeiro. Ele não suporta ser desaprovado nem criticado. De fato, os sentimentos de inferioridade produzem alto grau de sugestibilidade e tentativas compensatórias de imposição, buscando enaltecer a massa e demonstrar com furor as “habilidades alemãs” até ao terror e ao fuzilamento de reféns. Isso deve, no entanto, ser visto mais como busca de prestígio do que propriamente de assassinato. Em geral, os sentimentos de inferioridade são um sentimento inferior, o que não é um simples jogo de palavras. Nenhum desempenho intelectual ou técnico do mundo pode desafiar a inferioridade do sentimento. Propagar teorias raciais pseudocientíficas não basta para que se aceite o extermínio dos judeus, da mesma forma que nenhuma

falsificação histórica pode legitimar uma política equivocada.

[417] Esse espetáculo evoca a figura que Nietzsche descreveu com tanta precisão do “criminoso pálido”^[1] que possui, na realidade, todas as características da histeria. Ele não quer e não consegue aceitar ser como é; não pode suportar sua culpa como também não pode deixar de cometê-la. Ele não se envergonha de enganar a si mesmo para salvar a pele. Isso acontece em toda parte. Mas jamais, ao menos parece, aconteceu de modo tão nacional como na Alemanha. Não sou, de forma alguma, o primeiro a apontar o sentimento de inferioridade dos alemães. (O que não disseram Goethe, Heine e Nietzsche a respeito de sua própria terra?) O sentimento de inferioridade nunca é injustificado. Vale não só para o lado ou função em que aparece como se refere a uma inferioridade real, embora imprecisa. Isso pode facilmente provocar uma dissociação histórica da personalidade, que consiste basicamente no fato de uma mão não saber o que a outra faz, em se querer saltar a própria sombra e projetar no outro tudo que é obscuro, culpado e inferior. Nesse estado, tem-se a sensação de estar sempre cercado por pessoas sem compreensão, animadas apenas de más intenções e por pessoas inferiores, maldosas, homens de segunda classe, “subomens” que precisam ser exterminados para que a própria superioridade possa ser preservada. A inferioridade já está operando na própria evolução desses pensamentos e sentimentos. Todos os histéricos são, por isso, espíritos atormentados e atormentadores porque não querem sentir a dor de sua própria inferioridade. Uma vez que ninguém pode sair da própria pele e abandonar a si mesmo, o mal que se encontra por toda parte é o mal de si mesmo. Chama-se a isso de neurose histérica.

[418] Todos esses sintomas, a completa cegueira acerca do próprio caráter, a admiração autoerótica de si mesmo, a depreciação e atormentação dos demais (com que desprezo Hitler falava de seu povo!), a projeção da própria sombra, a falsificação mentirosa da realidade, o “querer impressionar” e impor, os blefes e imposturas, reúnem-se naquele homem que foi dado clinicamente como histérico, mas que um destino curioso transformou durante 12 anos no

expoente político, moral e religioso da Alemanha. Será isso um mero acaso?

[419] O diagnóstico mais preciso de Hitler seria o de *pseudologia phantastica*, ou seja, uma forma de histeria que se caracteriza pela capacidade especial em acreditar nas próprias mentiras. Tais pessoas têm, geralmente, durante algum tempo, um êxito avassalador sendo por isso perigosas para a sociedade. Nada é mais convincente do que se acreditar que a própria mentira, a própria maldade ou má intenção sejam boas; em todo caso, é bem mais convincente do que um homem simplesmente bom e sua boa ação ou de um homem mau e sua má ação. O povo alemão não se teria deixado convencer (a não ser algumas poucas exceções inexplicáveis) pelos gestos de Hitler tão ridículos e patéticos, ou seja, tão manifestamente histéricos e pelos seus discursos prolixos, se a sua figura, que a meus olhos parecia um espantalho psíquico (com um braço estendido à semelhança de um cabo de vassoura), não refletisse a histeria geral dos alemães. Não é sem restrições que ousamos compreender todo um povo como “psicopaticamente inferior” –, mas Deus sabe que esta foi a única possibilidade de se explicar de alguma maneira o efeito produzido nas massas por esse espantalho. No rosto desse demagogo se podia ler uma triste falta de formação que produziu uma presunção delirante, uma inteligência mediana dotada de astúcia histérica e uma fantasia de poder adolescentes. Seus movimentos eram todos artificiais e preestudados por um cérebro histérico que só se preocupava em causar impressão. Ele se comportava publicamente como alguém que conduz sua própria biografia, comportando-se, nesse caso, como o herói sinistro, “durão”, “demoníaco” das novelas baratas e do mundo imaginário de um público infantil que apenas conhece o mundo através das “divas” dos filmes de segunda categoria. Destas impressões concluí já naquela época (1937) que as catástrofes seriam inevitáveis e mais sangrentas do que havia suposto até então. Pois essa representação teatral tão transparente quanto histérica não dizia respeito a simples “pedras do jogo de xadrez do mundo”, mas a divisões de tanques da *Wehrmacht* e da indústria pesada alemã. Um povo de “oitenta

milhões” forçava contra uma resistência interna pequena e ineficaz a entrada no circo para assistir à sua própria destruição.

[420] Os colaboradores mais próximos de Hitler, como Goebbels e Göring, são figuras igualmente impressionantes. Göring fazia o tipo do tratante barato, enquanto o primeiro representava o trapaceiro e literato de boteco, igualmente desprezível, perigoso e irreconhecível, apesar de mal dotado pela natureza. Qualquer um dos elementos desse trio impressionante seria suficiente para, por si só, levar um homem instintivo e incorrupto a se benzer três vezes. Mas o que aconteceu? Hitler foi elevado aos céus, tendo havido inclusive teólogos que nele viram o salvador. Göring era uma figura popular devido a suas fraquezas. Apenas poucos atentavam para seus crimes. Suportava-se Goebbels porque, para alguns, a mentira é necessária ao sucesso e o sucesso tudo justifica. Esses três formam uma unidade muito forte e quase não conseguimos compreender como tais monstros chegaram ao poder. Entretanto, não podemos julgar a partir de hoje e dos acontecimentos que culminaram na catástrofe. Nosso julgamento teria sido bem diferente se nos baseássemos somente nos acontecimentos de 1933 e 1934. Nessa época, tanto na Alemanha como na Itália, havia muitos fatos plausíveis e favoráveis ao regime. O desaparecimento de centenas de milhares de errantes das ruas alemãs constituiu um argumento irrefutável. A aragem que no pós-guerra bafejava os dois países era um sinal convincente de esperança. Toda a Europa presenciava esse espetáculo do mesmo modo que o Sr. Chamberlain que, no máximo, temia um aguaceiro. O fato de ser tão plausível é próprio da pseudologia fantástica, da qual, até certo ponto, também compartilhava Benito Mussolini (pseudologia controlada enquanto seu irmão Arnaldo viveu). Ela inicia seus planos da maneira mais inocente do mundo, descobre as palavras corretas, usando todos os substantivos em “ão” e “dade”, aponta inclusive convenientemente para a baleia invisível e não se pode deduzir no começo que sua intenção seja má. Existe mesmo a possibilidade de ser uma boa intenção e de sua bondade não ser falsa. No caso de Mussolini, por exemplo, parece não ser tão claro como branco no preto. Não é certo

que, na pseudologia, a intenção de enganar seja o motivo principal; muitas vezes, o “grande plano” que desempenha o papel principal só passa a se valer de todas as possibilidades quando o problema da realização se torna iminente, concretizando a sentença de que “o fim justifica os meios”. O pior acontece quando o pseudólogo é levado a sério por um grande público. À semelhança de Fausto, ele precisa fazer o pacto com o demônio, caindo assim em falso. Seria até admissível que o mesmo aconteceu, de forma análoga, com Hitler. “In dubio pro reo!” As atrocidades descritas em seu livro, despindo-as do pathos suábico, nos dão o que pensar e impõem a questão se o espírito do mal já não habitava esse homem antes mesmo da tomada do poder. Até 1936, era grande a preocupação e o receio de que o Führer estivesse submetido a “más influências”, à magia negra etc. Estou convencido de que essas dúvidas se apresentaram demasiado tarde, mas também me parece possível que o próprio Hitler tenha tido durante algum tempo boa intenção e que só no decorrer dos acontecimentos se deixou arrastar pelo emprego de meios falsos.

[421] Gostaria de acentuar mais uma vez que pertence à essência do pseudólogo ser plausível e que, mesmo para os mais experientes, não é de modo algum fácil perceber suas intenções, sobretudo quando a empresa ainda se encontra no estágio do idealismo. Não se consegue prever como as coisas haverão de se desenvolver. A única possibilidade de que se dispõe é uma atitude à la Chamberlain, em que se “dá uma chance” (*giving-a-chance*). Do mesmo modo que os estrangeiros, a grande maioria dos alemães não estava devidamente informada e por isso era tão fácil entregar-se aos discursos de Hitler de maneira demoníaca como convém ao gosto alemão (e não apenas a este).

[422] Ao mesmo tempo em que se pode compreender a sedução inicial, é difícil conceber a ausência de reação. Não existiram generais que comandavam suas tropas para os atos mais desvairados? Mas por que não se reagiu após ter compreendido? Só consigo explicar essa ausência a partir de uma disposição mental peculiar, uma disposição transitória ou crônica que no indivíduo é denominada de histeria.

[423] Na medida em que não posso dar por suposto que o leigo saiba o que se entende por “histeria”, gostaria de observar que a disposição “histórica” constitui uma subdivisão do grupo chamado de “inferioridades psicopáticas”. Com isso não se quer dizer que o indivíduo ou um povo sejam inteiramente “inferiores” e sim que existe um *locus minoris resistentiae* (lugar de menor resistência), uma certa instabilidade em meio a todas as qualidades possíveis. A disposição histórica consiste numa maior separação entre os opostos inerentes a toda psique, sobretudo os caracterológicos, do que nas pessoas consideradas normais. Essa maior distância gera uma tensão energética mais forte, o que explica a incontestável energia e força dos alemães. Por outro lado, a distância maior entre os opostos provoca no homem contradições, conflitos de consciência, desarmonia de caráter, em suma, tudo o que está expresso no Fausto de Goethe. Esse personagem é tão caracteristicamente alemão que jamais um não alemão poderia criá-lo. Nele podemos observar a nostalgia, oriunda da contradição e do dilaceramento interior daquele que “sofre a fome do infinito” (GOETHE, *Fausto*, II parte), esta “Eros da distância”, esta esperança escatológica da grande plenitude; nele fazemos a experiência do mais alto voo do espírito e da mais violenta queda na culpa e nas trevas e, ainda, da caída na mentira pretensiosa e na violência assassina consequentes ao pacto com o mal. Fausto também está dissociado, separando o seu próprio mal e projetando-o na figura de Mefistófeles a fim de possuir um alibi em caso de necessidade. Ele também não “sabe nada a respeito” das maquinações do demônio contra Filêmon e Báucis e, em nenhum momento, sentimos nele uma compreensão ou arrependimento verdadeiros. A adoração do sucesso ao mesmo tempo forte e suave impede amplamente uma ponderação moral e uma discussão ética, o que torna bastante nebulosa a personalidade de Fausto. Este jamais assume caráter de realidade: ele não é nem pode ser real (ao menos nesse lado), mas permanece uma ideia alemã do homem, um reflexo exagerado e desfigurado do homem alemão.

[424] A essência da histeria consiste numa dissociação quase que sistemática, numa desvinculação dos pares de opostos que

normalmente se encontram estreitamente ligados, o que provoca, muitas vezes, uma cisão da personalidade, ou seja, um estado em que realmente uma mão não sabe o que a outra faz. Em geral, ocorre um espantoso desconhecimento acerca das próprias sombras, conhecendo-se apenas as boas intenções. E quando não é mais possível negar o mal, surge o “super-homem e o herói” que se enobrece pela envergadura de suas metas.

[425] Como consequência do desconhecimento acerca do outro lado, aparece uma grande insegurança: não se sabe muito bem quem se é, sente-se inferior e não se quer saber em que e como essa nova inferioridade aumenta a já existente. É desta insegurança que brota a psicologia do prestígio própria aos históricos que se caracteriza pela pretensão de “impressionar”, pela apresentação e imposição de méritos, o desejo nunca satisfeito de reconhecimento, admiração e amor. Dessa insegurança nascem também a petulância, a pretensão, a arrogância, a insolência e a falta de tato pelo que muitos alemães, que em casa são subservientes como cães, firmam no estrangeiro a péssima reputação de seu povo. Da insegurança provém também aquela trágica falta de coragem civil, já criticada por Bismarck (pensemos no lamentável generalato!).

[426] A falta de realidade do Fausto produz nos alemães uma correspondente falta de realismo. Ao falar excessivamente sobre o realismo e, na verdade, sobre um realismo “glacial”, Fausto denuncia a histeria: o realismo é uma pose. Ele faz um teatro realista, mas o que realmente quer é conquistar o mundo contra o mundo. Só não sabe como. Sabe apenas que uma vez não conseguiu. Entretanto, logo encontra um motivo cômodo para crer e falsear o fracasso, convertendo-o num êxito. Quantos alemães acreditaram na lenda da punhalada em 1918? Quantas lendas de punhaladas possuímos hoje em dia? Acreditar em mentiras de modo a satisfazer um desejo constitui uma inferioridade pronunciada e um sintoma histórico bem conhecido. O sangue derramado na Primeira Guerra Mundial poderia ter bastado. Mas o que aconteceu? A ideia de glória e conquista, a cupidez de sangue obnubilaram de tal modo as mentes alemãs que elas não mais percebiam a realidade. No caso individual, essa

situação é denominada estado crepuscular histérico. Quando todo um povo se acha nessa disposição, um *Führer-médium* pode percorrer os telhados com a “segurança” de um sonâmbulo para, por fim, amanhecer estirado na rua com a espinha fraturada.

[427] Se nós suíços tivéssemos dado início a essa guerra teríamos agido da mesma maneira, esquecendo e desconsiderando todas as experiências, advertências e conhecimentos do mundo. Teríamos preparado uma edição original de Buchenwald, e reagido com espanto e fúria se algum estrangeiro dissesse que os suíços estavam loucos. Nenhum homem razoável pode estranhar esse julgamento. Mas será que temos o direito de afirmar semelhantes coisas sobre a Alemanha? Não sei o que os alemães pensam a esse respeito. Sei apenas que tais coisas não podiam ser pronunciadas no tempo da censura e não devem ser repetidas agora em consideração à Alemanha arruinada. Quando então foi lícito tentar uma explicação dos fatos ocorridos? Para mim, a história dos 12 últimos anos é a história patológica de um histérico. Não se deve esconder a verdade ao doente, pois quando um médico faz um diagnóstico, não é para molestar, humilhar ou injuriar o doente. A diagnose constitui uma parte essencial da compreensão médica na busca de um meio terapêutico. Uma neurose ou uma disposição neurótica não significam uma desonra, mas um empecilho e, muitas vezes, um modo peculiar de falar. Não se trata de uma doença mortal. Na verdade, ela se agrava justamente quando é ignorada. Ao dizer que os alemães estão psiquicamente doentes estou sendo mais benevolente do que se dissesse que são criminosos. Não gostaria de excitar a conhecida susceptibilidade do histérico, mas não podemos persistir na atitude de fuga ante o que é doloroso e esquecer tudo o que houve, pois isso de nada ajudaria a eliminar a doença. Tampouco é minha intenção desonrar o alemão mentalmente sadio e decente, atribuindo-lhe a covardia de evitar sua própria imagem. Ele deve ser honrado com a verdade e por isso não se deve ocultar que o nosso espírito se viu profundamente afetado pelo que aconteceu em seu país e pelo que os alemães infligiram à Europa. Estamos feridos e indignados, não sentimos nenhuma bondade ou amor em especial, pois essa

realidade não reverte apenas com base na intenção e na força de vontade do “amor ao próximo” cristão. É por isso que, em consideração aos alemães decentes e mentalmente sadios, a verdade é preferível a um silêncio injurioso.

[428] Tanto no caso de um indivíduo como no de um povo, a histeria não pode ser tratada ocultando-se-lhe a verdade. Mas se pode dizer que todo um povo seja histérico? Pode-se dizer tanto quanto no caso do indivíduo. Na verdade, até o mais demente não é inteiramente demente. Muitas funções se mantêm em condições de funcionamento e pode haver períodos em que o doente se mostre perfeitamente normal. Isso ocorre ainda mais no caso da histeria que se caracteriza, de um lado, por exageros e desmesuras e, de outro, por debilidades e paralisias temporárias de funções que, em si, são normais! Apesar de seu estado psicopata, o histérico é quase normal. É por isso que se pode esperar que também grande parte do corpo psíquico de um povo, em que se observa um estado histérico, seja normal.

[429] Além das várias qualidades comuns a todos os seres humanos, o alemão possui uma psicologia característica que o distingue dos demais povos vizinhos. Ele mesmo já havia demonstrado para todos que se julga uma nação dominadora que deve se impor a todos e acima de qualquer medida de consideração. O alemão já qualificou outros povos de inferiores e chegou inclusive a exterminá-los em parte.

[429a] (Neste lugar desenvolvi na primeira edição deste artigo^[2] algumas considerações sobre os boatos espalhados em torno da figura do pastor Niemöller. Omiti no presente esta passagem porque, segundo novas informações obtidas, as coisas não se passaram como apresentadas pela imprensa. Mesmo anteriormente, pareceu-me muito espantoso que o pastor, na qualidade de comandante de submarino, se tivesse colocado à disposição do governo e por isso comentei o fato sob forma de interrogação dizendo: “Será possível que Niemöller tenha oferecido de forma voluntária e consciente sua mão e seu apoio às manobras do governo? Espero sinceramente... que o boato não seja verdadeiro”. Na medida em que uma versão

totalmente diversa e digna de crédito me foi apresentada, suprimo nesta segunda edição todas as considerações que fiz a esse respeito, pois não gostaria de caluniar algum inocente com boatos. Sei, por experiência própria, que poderes malignos participam da disseminação de boatos e por isso não gostaria de contribuir com declarações incontroladas e irresponsáveis. O pastor Niemöller tem dado provas na Alemanha atual de uma enorme força construtiva e moral diante da qual só nos resta desejar o maior êxito possível.

[429b] Aproveito esse contexto para mencionar que várias declarações que jamais fiz foram atribuídas a mim pela imprensa estrangeira. Minhas opiniões autênticas encontram-se expostas neste artigo. O que a imprensa afirma fora ou em torno dessas opiniões podem ser esquecidas e consideradas pelo leitor como uma grande mentira.)

[430] Em vista dessas coisas terríveis, pouco significa, na verdade, aplicar o diagnóstico de inferioridade ao assassino e não ao assassinado. Com isso só fazemos ferir a todo alemão que sofreu com plena consciência sua miséria nacional. Ferir o outro é sempre ferir a si mesmo. Mas enquanto europeus e irmãos dos alemães nos sentimos feridos e por isso não os ferimos para atormentar e sim para caminhar no sentido da verdade. Da mesma forma que a culpa coletiva, o diagnóstico do estado mental diz respeito a todo o povo e ainda mais a toda a Europa que já há muito tempo sofre mentalmente. Seja agradável ou desagradável, devemos nos perguntar sobre o que vem acontecendo com a nossa arte que, sem dúvida, constitui o instrumento de registro mais refinado da mente de um povo. O que significa o predomínio do patológico na pintura? E o efeito tão amplo do abissal *Ulisses* etc.? Tudo isto já é na essência o que se concretizou politicamente na Alemanha. O europeu, o homem branco em geral, não se encontra absolutamente em condições de avaliar a disposição do próprio espírito porque está demasiado dentro dele. Sempre desejei contemplar o europeu, nem que fosse uma única vez, com outros olhos. Tive a sorte de consegui-lo através das relações tão estreitas que pude estabelecer com homens exóticos nas muitas viagens que realizei.

[431] O homem branco é nervoso, apressado, intranquilo, instável e, do ponto de vista do homem exótico, possuído pelas ideias mais desvairadas sem prejuízo de seu talento e energia, o que o faz sentir-se superior. Os atos tão infames cometidos contra os povos exóticos são inumeráveis, o que, de modo algum, pode desculpar uma nova impostura assim como um indivíduo singular não é melhor por se encontrar numa sociedade pior. Os primitivos temem os eixos de visão convergentes do europeu, sendo vistos como mau-olhado. Um chefe indígena pueblo exprimiu certa vez sua convicção de que todos os americanos, os únicos brancos que conhecia, eram loucos, e ao fundamentar sua impressão podia-se reconhecer imediatamente uma descrição de possessos. Isso não é de admirar, pois pela primeira vez desde tempos imemoriais conseguimos sorver toda a vitalidade original da natureza. Os deuses não só abandonaram sua morada celeste e planetária ou se transformaram em demônios ctônicos, mas seu exército, que no tempo de Paracelso ainda perambulava alegremente pelas montanhas, florestas e moradas humanas, também ficou reduzido, cientificamente, a um resto lamentável, que por fim desapareceu. Desde tempos imemoriais, a natureza teve uma alma. Pela primeira vez agora vivemos em uma natureza inanimada e secularizada. Ninguém pode negar o papel fundamental desempenhado pelas potências da alma humana, a que se chamou de “deuses”, no passado. Um simples ato de explicação racional e não os fatores psíquicos que lhe correspondem como, por exemplo, a sugestibilidade, a falta de critério, a ansiedade, a tendência para superstição e preconceito, em suma, todas as qualidades conhecidas que possibilitam a possessão, tornou sem validade os espíritos da natureza. Se, por um lado, a natureza se inanimou, por outro, as condições psíquicas geradoras de demônios ficaram mais ativas do que nunca. Na verdade, os demônios não desapareceram, apenas modificaram sua fisionomia. Eles se transformaram em potências psíquicas inconscientes. Através dessa reabsorção, deu-se paulatinamente uma inflação crescente do eu que se tornou visível com bastante nitidez desde o século XVI. Por fim, começou-se a perceber a existência da psique e a se descobrir o inconsciente, o que, como a história pode nos mostrar, não foi um processo muito

fácil. Acreditávamos ter acabado com todos os fantasmas, mas o que na verdade se constatou foi que eles não mais surgiam nas casas mal-assombradas e velhas ruínas, e sim nas cabeças de europeus aparentemente normais. Espraíram-se ideias tirânicas, obsessivas, entusiásticas e alienantes e os homens passaram a crer nos maiores absurdos, à semelhança dos possessos.

[432] O que acabamos de vivenciar na Alemanha nada mais é do que uma primeira manifestação de uma alienação mental generalizada, uma irrupção do inconsciente nos espaços de um mundo aparentemente bem ordenado. Todo um povo e mais ainda milhões de outros povos viram-se arrastados pelo delírio sangrento de uma guerra de aniquilação. Ninguém sabia como isso aconteceu, e muito menos os alemães! Como um rebanho hipnotizado, eles se deixaram arrastar para o matadouro pelas mãos de um líder psicopata. Trata-se de uma espécie de povo eleito, talvez pelo fato de os alemães terem resistido com menor intensidade ao perigo mental que pesava sobre os europeus. Em razão de seu talento e capacidade, eles poderiam ter sido justamente o povo a ter desenvolvido, sobretudo a partir do exemplo profético de Nietzsche, soluções redentoras. Nietzsche foi um alemão até a última fibra de seu ser, mesmo no simbolismo mais absurdo de sua loucura. Em sua debilidade psicopática, brincou com a “besta louca” e o “super-homem”. Certamente não foram os elementos sadios do povo alemão que contribuíram para o êxito desse tipo de fantasia patológica, que superou tudo que existiu até então. A debilidade do povo alemão se mostrou propícia a tais fantasias histéricas em meio às quais Nietzsche não apenas criticou severamente o alemão “careta” como ofereceu à crítica as próprias costas. Nisso, a mente alemã deixou escapar uma preciosa oportunidade para se autoconhecer. O que não se poderia ter conhecido a partir da música sentimental e retumbante de Wagner!

[433] Todavia o demônio (com a fundação do Reich em 1871) adiantou-se ao espírito alemão, seduzindo-o com a isca do poder, da posse material e do orgulho nacional e fazendo com que o povo imitasse e tomasse ao pé da letra os seus profetas sem, no entanto,

compreendê-los. Desse modo, o alemão, ao invés de se ter ocupado da riqueza de suas potencialidades espirituais, deixou-se seduzir por esses enganos, pelas velhas tentações de Satã. Esqueceu seu cristianismo, vendeu o espírito à técnica, trocou a moral pelo cinismo e consagrou sua maior aspiração às forças de aniquilação. É bem verdade que todos fazem o mesmo. Entretanto, existem certos homens que não deveriam fazê-lo porque deveriam aspirar a riquezas superiores. Em todo caso, o povo alemão não pertence ao rol daqueles que podem usufruir impunemente do poder e das riquezas. Pensemos no que significa para os alemães o antissemitismo: a pretensão de exterminar no outro as suas próprias falhas. Já neste sintoma os alemães poderiam ter reconhecido seu erro irreparável.

[434] Depois da última grande guerra, o mundo, e sobretudo a Alemanha que é propriamente a expressão da problemática europeia, deveria ter começado a pensar. O espírito, porém, transformou-se em falta de espírito, tendo-se desviado de suas questões decisivas e buscado soluções em sua própria negação. Como foi diverso no tempo da Reforma! Diante das deficiências do mundo cristão, o espírito alemão respondeu com o ato da Reforma: mal comparando, segundo a atração que os alemães sentem pelas antíteses, eles jogaram fora a criança junto com a água do banho. Mesmo assim, naquela ocasião, os alemães não fugiram à sua própria problemática. Tudo o que houve até o tempo de Goethe não precisa ser evocado. Goethe, no entanto, apresentou de modo profético o *Fausto* ao seu povo com o pacto com o diabo e o assassinato de Filêmon e Báucis. Quando Jacob Burckhardt^[3] afirma que *Fausto* faz vibrar a alma alemã é porque *Fausto* já representa um eco da alma alemã. Em Nietzsche encontramos o eco do super-homem, do homem instintivo e amoral cujo deus está morto, do homem que se faz deus, ou melhor, demônio, para além do bem e do mal. Onde foram parar em Nietzsche a alma e o feminino? Helena desapareceu no Hades e Eurídice não volta mais. Aqui já se anuncia a fatídica transformação do Cristo negado: o profeta doente é o próprio crucificado e, ainda mais, é o próprio Dioniso Zagreu esquartejado. Pois o profeta enfurecido se refere a um tempo primitivo subterrâneo. Sua vivência

vocacional é o caçador que silva, o deus dos bosques sussurrantes, do êxtase e de todos os guerreiros furibundos possuídos por espíritos bestiais.

[435] Assim como Nietzsche respondeu ao cisma cristão com a arte do pensamento profético, seu irmão Richard Wagner respondeu com a arte do sentimento, a música. Tempos germânicos primitivos reaflorem com êxtase e embriaguez para preencher a fenda aberta pela Igreja. Wagner se salva com o *Parsifal*, o que Nietzsche jamais perdoará, mas o castelo de Graal desaparece num país desconhecido. A mensagem não é ouvida e o augúrio desconsiderado. Apenas o orgasmo contagia e se espraia como epidemia. O deus do êxtase, Wotan, tornou-se vitorioso. Jünger (em *Marmorklippen*) ouviu exatamente isto: o caçador selvagem chega à terra e juntamente com ele grassa uma epidemia de possessões maior que tudo que a Idade Média já produziu neste campo. Em nenhum lugar do mundo o espírito europeu falou de modo mais claro do que na Alemanha e, em nenhum lugar, foi mais tragicamente incompreendido.

[436] A Alemanha sofreu as consequências inevitáveis do pacto com o demônio, experimentou a demência, encontra-se esquartejada como Zagreu, profanada pelos guerreiros furibundos de Wotan, enganada pelo ouro e pelo domínio do mundo, e marcada pelo esconjuro do abismo mais profundo.

[437] O alemão deve compreender a indignação do mundo. Dele esperou-se algo tão diferente! Todos reconhecem seu talento e eficiência e ninguém jamais duvidou de sua capacidade para realizar coisas grandiosas. Tanto maior a decepção. Contudo, o europeu não deve se deixar enganar pelo destino alemão e acreditar que todo o mal vem da Alemanha. Ao contrário, deve conscientizar-se plenamente de que a catástrofe alemã consiste numa crise da doença europeia: bem antes da era de Hitler, e mesmo da Primeira Guerra Mundial, apareceram os primeiros sintomas da transformação espiritual da Europa. A imagem medieval do mundo se desfizera, fazendo com que a autoridade metafísica predominante neste mundo desaparecesse para surgir novamente o homem. Nietzsche predisse

que Deus estava morto e que sua herança haveria de ser substituída pelo super-homem, por aquele saltimbanco louco e fatal. É uma lei psicológica imutável: toda projeção caduca retorna às suas origens. Portanto, se ocorre a alguém a estranha ideia de que Deus está morto ou não existe, a imagem psíquica de Deus, que representa uma determinada estrutura dinâmica e psíquica, retorna ao sujeito, produzindo uma “semelhança com Deus”, isto é, produzindo todas as qualidades próprias só ao homem louco e que por isso conduzem à catástrofe.

[438] O grande problema no âmbito de toda a cristandade é o seguinte: Onde está a autoridade do bem e do direito que até agora se achava ancorada na metafísica? Será que realmente o que decide sobre as coisas não passa de um poder brutal? Será apenas a vontade de um homem que dispõe do poder a última instância de decisão? Talvez se pudesse ter acreditado em algo dessa natureza se a Alemanha tivesse sido vitoriosa. Mas como o reino milenar do poder e da injustiça durou poucos anos até a sua derrocada definitiva, podemos concluir o seguinte: nenhuma árvore é capaz de crescer até o céu; outros poderes também estão operando, ao menos para destruir a violência e a injustiça; e, portanto, não vale a pena edificar sobre princípios falsos. Infelizmente a história do mundo não consegue sempre proceder de maneira tão racional.

[439] A “semelhança com Deus” não eleva o homem até ao divino. Ao contrário, apenas o lança na arrogância e na maldade, produzindo uma máscara humana infernal, insuportável a todo ser humano. O homem se sente atormentado por essa máscara e por isso atormenta os demais. Ele se vê dividido dentro de si mesmo como uma mistura de contradições inexplicáveis. Esse é o quadro do estado mental de um histérico ou do “pálido criminoso”, para nos valermos de uma expressão de Nietzsche. O destino obrigou os alemães a se confrontarem com os pares internos de opostos. Mefistófeles é o outro lado de Fausto e não pode mais dizer: “Isso era, pois, a essência do cão”, mas teve que confessar: “Isso é o meu outro lado, meu alter ego, minha sombra infelizmente demasiado real e inegável”.

[440] Todavia este não é apenas o destino alemão. É também o

destino europeu. Todos nós podemos identificar esta sombra de que emerge o homem de nosso tempo. Não precisamos atribuir a máscara do demônio ao alemão. Os fatos falam uma linguagem bem mais clara e quem não pode compreendê-la não pode ser ajudado. O que fazer com essa visão pavorosa é algo que cada um deve descobrir por si mesmo. Na verdade pouco se ganha em perder de vista a própria sombra ao passo que o conhecimento da culpa e do mal que habitam em cada um traz muitas vantagens. A consciência da culpa oferece condições para a transformação e melhoria das coisas. Como se sabe, aquilo que permanece no inconsciente jamais se modifica e as correções psicológicas são apenas possíveis no nível da consciência. A consciência da culpa pode, portanto, converter-se no mais poderoso movente moral. As sombras devem ser encontradas em todo tratamento de neurose, pois, do contrário, nada pode se alterar (o que não é nenhuma novidade!). Nessa perspectiva, confio que as partes que permaneceram sadias no corpo alemão haverão de encontrar soluções para os fatos. Sem culpa não pode haver maturação psíquica nem tampouco ampliação do horizonte espiritual. O que dizia Mestre Eckhart? “Por isso, Deus tantas vezes cobriu com a miséria do pecado justamente aqueles homens por ele destinados a grandes coisas. Vê: A quem o Senhor mais queria bem e com quem tinha mais intimidade do que com os apóstolos? E não houve um só que não tivesse caído; todos foram pecadores”^[4].

[441] Onde a culpa é grande, a graça pode também ser imensa. Semelhante fato produz uma transformação interior infinitamente mais importante do que as reformas políticas e sociais que, na verdade, de nada valem nas mãos de homens injustos. Sempre nos esquecemos disso porque olhamos com fascínio para as circunstâncias que nos rodeiam em lugar de examinar nosso coração e nossa consciência. Todo demagogo se aproveita dessa fraqueza humana e denuncia, alto e bom som, o descaminho das circunstâncias exteriores. No entanto, o que em última instância não caminha bem é o homem.

[442] O alemão possui hoje a chance única de voltar seu olhar para o interior do homem apesar das dificuldades de sua vida exterior.

Desse modo, poderia reparar o pecado da omissão que marca toda a nossa cultura: fez-se tudo visando ao exterior. O refinamento da ciência alcançou um grau inimaginável; a técnica expandiu-se para o incomensurável. Mas o homem, que deve utilizar de maneira racional todas essas maravilhas, foi inteiramente esquecido. Não se dá nem conta de que ele não está ajustado moral ou psicologicamente a essas transformações, agindo de forma ingênua à semelhança de um negro que se encanta com esses brinquedos perigosos, sem suspeitar as sombras que, atrás dele, espreitam a oportunidade de agarrar os brinquedos com mãos ávidas e transformá-los em armas contra homens imaturos e infantis. Quem foi capaz de experimentar esse desamparo, esse abandono diante do poder sinistro, de modo mais direto do que o alemão que caiu nas garras dos alemães?

[443] A aceitação consciente da culpa coletiva seria um grande passo para frente. No entanto, isso ainda não significa uma cura assim como o neurótico não se cura através da simples compreensão. Ainda é preciso responder às perguntas: De que maneira eu convivo com essas sombras? Que atitude é necessária para se viver apesar do mal? Para se encontrar respostas adequadas a essas perguntas faz-se necessária uma renovação mental abrangente que não pode provir de alguém especial, devendo ser conquistada por cada um. Também as velhas fórmulas que um dia tiveram validade não podem ser aplicadas irrefletidamente, pois as verdades eternas não podem ser transmitidas mecanicamente. Elas precisam ser geradas novamente em cada época pela alma humana.

[*]. Publicado pela primeira vez em *Neue Schweizer Rundschau*, nova série XIII/2 (Zurique, 1945), p. 67-88, posteriormente em *Ensaios sobre história contemporânea*. Zurique: [s.e.], 1946.

[1]. *Also sprach Zarathustra*. Op. cit., p. 52s.

[2]. Cf. *Neue Schweizer Rundschau*, p.81s. Ao leitor especificamente interessado indicamos também os tomos da correspondência (Org. Walter, Olten, 1972/1973). Os § 429a e 429b foram omitidos na edição anglo-americana.

[3]. Cartas a Albert Brenner, p. 91s. *JAHRBUCH, Basler 1901*. Org. por Albert Burckhardt e Rudolf Wackernagel. 1901. Basilea [Briefe Jakob (sic) Burckhardts an Albert Brenner, mit Einleitung und Anmerkungen von Hans Brenner].

[4]. *Meister Eckhardts Schriften und Predigten*. Vol. II, p. 22